

A guerra imperialista na Ucrânia e as tarefas dos revolucionários



1. Os horrores a que a mídia tenta nos acostumar com a guerra na Ucrânia, dia após dia, são a verdadeira natureza do capitalismo. Os milhares de mortes que se acumulam semana após semana, principalmente entre civis indefesos, assim como jovens russos e ucranianos enviados para ser imolados sob a ameaça da lei marcial, cidades inteiras completamente destruídas por uma bateria de armas pesadas, milhões de refugiados, mulheres, crianças e idosos em busca de refúgio, muitas vezes atingem a si mesmos em sua fuga ou ficam enclausurados famintos e desamparados em porões escuros. O capitalismo mostra assim, mais uma vez, sua verdadeira face, uma face de morte e destruição que pertence a todos os países, grandes e pequenos, os chamados agressores e agredidos.

2. A fim de envolver os proletários em uma atmosfera de guerra, a propaganda ocidental não hesita em apresentar a questão da defesa do povo atacado contra o invasor. Não se passa um dia sem que Zelensky apareça na televisão para exigir novas armas para se defender. As guerras mudam, os tempos mudam, mas a burguesia nunca desiste de transmitir seus interesses como os do povo como um todo, suas guerras como guerras de defesa nacional.

Ele o fez durante a Segunda Guerra Mundial, convocando uma luta partidária contra o fascismo e o nazismo, e o fez durante a Primeira Guerra Mundial quando cada país beligerante declarou que era o país atacado e que tinha de responder ao agressor. Hoje, o cenário se repete sem mudanças. As mesmas potências que tentam se apresentar como os defensores da Ucrânia atacada, principalmente os Estados Unidos e os países europeus, são elas próprias os agressores, provocando a Rússia a retirar os vários países da antiga zona soviética de sua influência e anexando-os à OTAN, uma aliança puramente militar. O próprio Estado ucraniano continua exigindo o massacre de milhares de homens que são forçados a permanecerem no país para servir a pátria, ou seja, os interesses do imperialismo ucraniano.

3. A seriedade desta guerra, que traz o conflito de volta ao coração da Europa, envolvendo diretamente Rússia e Ucrânia, territorialmente, os dois maiores países do continente, e com a OTAN e os EUA imediatamente atrás com China em segundo plano, além do risco de acidentes nucleares ou mesmo o uso de armas nucleares, certamente não precisa de explicação. Por outro lado, a situação é

particularmente delicada para o proletariado que, nesta fase, se vê sobrecarregado pelos acontecimentos e tem dificuldade até mesmo de se reconhecer como uma classe social explorada por este sistema. Diante deste cenário, os revolucionários não podem esperar que o proletariado desperte, devem tomar a iniciativa e assumir suas responsabilidades. Mas quais são as tarefas das vanguardas revolucionárias de hoje? Para responder a esta pergunta, temos que olhar para a história do movimento operário.

4. Evidentemente, a referência mais imediata só pode ser Zimmerwald. O que animou os participantes da conferência de Zimmerwald em setembro de 1915 foi a denúncia da guerra como expressão da barbárie do capitalismo, desmascarando e denunciando as posições defensivas de um ou outro lado na luta, sem cair na armadilha de defender um ou outro. Não é o apelo à paz para os poderosos deste mundo que deterá a guerra, mas a resposta de classe à barbárie capitalista, transformando a guerra imperialista em uma guerra de classes para derrubar o sistema, como já foi exigido por Lênin e Luxemburg no sétimo congresso da Segunda Internacional, em Stuttgart, em 1907. Este espírito de unidade sobre princípios, apesar das diferenças de análise, permitirá que Zimmerwald se torne o ponto de referência para nós revolucionários de hoje. E é precisamente em conexão com Zimmerwald que o próprio Lênin, conhecido por sua intransigência, desenvolveu as seguintes considerações sobre o Manifesto de Zimmerwald imediatamente após a conferência:

"Nosso Comitê Central deveria ter assinado este manifesto assustador e incoerente? Nós achamos que sim (...). Não escondemos nossas opiniões, nossos slogans, nossas táticas. (...). Nós nos espalhamos, estamos nos espalhando e continuaremos a espalhar nossas opiniões com a mesma energia com a qual o manifesto as espalhará. É um fato que este manifesto é um passo para uma verdadeira luta contra o oportunismo, para uma ruptura com ele. Seria sectário recusar dar este passo adiante com a minoria de socialistas alemães, franceses, suecos, noruegueses e suíços, quando temos toda liberdade e toda oportunidade de criticar a inconsistência e de trabalhar por coisas maiores. Seria uma má tática de guerra se recusar a aderir

ao crescente movimento internacional de protesto contra o social-chauvinismo, simplesmente porque este movimento é lento, porque está 'apenas' dando um passo à frente e porque está pronto e disposto a dar um passo atrás amanhã e fazer as pazes com o antigo Bureau Socialista Internacional".

Como pode ser visto nesta passagem de Lênin, as diferenças entre os revolucionários da época nunca os impediram de tomar posições comuns, mesmo que continuassem a polêmica uns com os outros. Em abril de 1915, Rosa Luxemburgo escreveu o panfleto de Junius e em 1916, Lênin polemicava com Rosa sobre o imperialismo como Fase superior do Capitalismo. Portanto, uma declaração conjunta não é nem um substituto nem um obstáculo à discussão e ao confronto entre os revolucionários, mas sim um estimulante.

5. Então, em relação à situação atual, quais são as tarefas dos revolucionários de hoje? Acreditamos que, de acordo com o que foi expresso pelas gerações anteriores de revolucionários, uma primeira tarefa é desenvolver a análise mais lúcida possível dos eventos atuais, confrontando e polemizando com outras posições presentes no campo revolucionário a fim de promover a máxima clareza que o proletariado necessita neste momento. Entretanto, uma segunda tarefa, que é tão importante quanto primeira, é expressar com uma só voz a denúncia da barbárie capitalista da guerra pelas diferentes organizações internacionalistas, começando por aquelas que são a expressão da herança da esquerda comunista. Neste sentido, a CCI lançou um apelo a estas organizações para que elaborem uma declaração comum condenando a guerra, para afirmar a posição do proletariado diante da situação atual, para afirmar a necessidade de defender o internacionalismo diante da guerra imperialista. Como se sabe, esta declaração foi assinada por outras três organizações no mundo: o Instituto Onorato Damen, Internationalist Voice e International Communist Perspective (Korea). Por menor que seja o número de grupos que assinaram a declaração antiguerra, a enorme importância desta declaração para o futuro da luta de classes não deve escapar de nossa atenção. O Manifesto de Zimmerwald, dirigido aos proletários de toda a

Europa e adotado por unanimidade pelos socialistas de doze países, teve um grande impacto sobre os trabalhadores e soldados. Traduzido e divulgado em várias línguas, principalmente na forma de folhetos e panfletos clandestinos, o Manifesto surgiu como um protesto vivo dos internacionalistas contra a barbárie. Diante da gravidade da situação, as ambiguidades contidas no Manifesto tornaram-se secundárias do ponto de vista dos trabalhadores que o viram como a primeira manifestação do internacionalismo. Portanto, devemos defender e fortalecer esta Declaração Conjunta, que é apenas o primeiro ato, o primeiro núcleo de atividade em torno do qual será gradualmente possível agregar outras forças revolucionárias na clareza de suas posições recíprocas com vistas à construção do futuro partido.

6. Também é necessário sublinhar que, se as organizações que responderam positivamente são apenas três, é porque outras não responderam (PCI – O proletário e PCI – O partido) ou responderam negativamente (PCI - Programma e a TCI – Tendência Comunista Internacional). Em particular, enquanto Il Programma recusou o convite dizendo que:

"Este não é o momento de falar, mas de colocar em prática as diretrizes inalteradas e imutáveis de preparação revolucionária".

A TCI deu a seguinte resposta:

"No passado, sempre descobrimos que nossas perspectivas são completamente diferentes e tornam impossível qualquer declaração conjunta mais profunda, o que se tornou ainda mais pronunciado com o tempo. Portanto, embora não sejamos, em princípio, contrários a alguma forma de declaração conjunta, podemos encontrar os mesmos velhos problemas".

Para acrescentar pouco depois: *"...também pode ser necessário olhar além da "esquerda comunista" (que, apesar de nosso crescimento recente, permanece lamentavelmente pequena), mas para aqueles que compartilham nossa perspectiva de classe, se não nossa política precisa. O slogan "NÃO à guerra, mas sim à guerra de classes" não apenas coloca esta questão a outros grupos*

políticos, mas os aproxima ainda mais da perspectiva da esquerda comunista".

7. De fato, a rejeição da TCI vai de mãos dadas com a adesão às iniciativas de base que, em nossa opinião, não correspondem às necessidades do momento. Acreditamos que estes grupos, ao se recusarem a aderir ao apelo por uma iniciativa comum entre as forças da esquerda comunista, estão se afastando da tradição do movimento operário e especificamente da esquerda comunista, que tem suas origens em Zimmerwald. Propomos, portanto, que a discussão se concentre especialmente nesta iniciativa da Declaração Conjunta e no que ela implica, e que a própria discussão seja um momento de preparação para a luta, avaliando mutuamente a melhor maneira de utilizar este processo de ação conjunta para permitir que também os camaradas individuais se associem às organizações revolucionárias que fazem parte dela hoje.

Corrente Comunista Internacional

Instituto Onorato Damen